

GLOBALIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA FÉ

João Batista Libanio SJ

Globalização de ontem e de hoje

A globalização atual tem duas faces. Uma já bem antiga, presente nos grandes impérios, sobretudo no romano, que estabeleceu sobre o mundo a *pax romana*. É a tendência à expansão de todo império político, econômico e cultural com os recursos próprios da época. Haja vista os aventureiros das grandes navegações atravessando o mundo e atrás deles e com eles a ganância de reinos.

A fé cristã entendeu-se desde seus inícios com o mandato de dilatar-se pelo mundo. Os evangelhos de Mateus e Marcos terminam com a ordem do Senhor, refletindo a consciência da comunidade nascente: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a todas as criaturas” (Mc 16, 15). Mateus é ainda mais explícito na tarefa de ensinar: “Ide, pois, de todas as nações fazei discípulos, batizando-os... ensinando-lhes a guardar tudo o que vos prescrevi” (Mt 28, 19).

Aí está clara a vocação universal do Cristianismo. Aproveitando das vias do Império Romano, em poucos séculos o Cristianismo chegou até os confins da terra. Alguns Santos Padres julgavam que ele já tinha atingido todos os habitantes da Terra. Com as descobertas das Américas, os missionários propagaram ainda mais longe a presença da Igreja. Até pouco tempo existia no Vaticano uma Congregação chamada *de propaganda fide* – da Propagação da fé. Hoje modificou o nome para Evangelização dos povos.

A consciência da expansão firmou-se sobretudo no Ocidente, onde o Cristianismo lançara mais fundo suas raízes. Tal consciência não se criou sem influência cristã, embora historiadores da cultura atribuam importância maior a fatores científicos, comerciais, tecnológicos.

Nesse sentido de dilatação, a globalização atual não traz nenhuma novidade a não ser a maneira mais poderosa, eficiente de fazê-la. Depois da década de 50, assistimos às empresas transnacionais invadirem o mundo com sua presença, vindas dos países centrais – Europa e América do Norte. Globalização chama-se imperialismo, transnacionalização econômica, ocidentalização.

Há, porém, uma novidade na atual globalização. Esta acontece por obra e graça do alto desenvolvimento tecnológico das ciências da informação e comunicação, açulada pela microeletrônica, pela telefonia, pela ciência dos computadores. Estabeleceu-se uma rede que uniu a computação com a telefonia gerando essa maravilhosa *Internet* mundial.

As notícias, informações, comunicações, irradiações não se fazem já unicamente do centro para a periferia, como se fazia até então o processo de expansão globalizante. Posto que sejam os países do centro do capitalismo que controlam em grande parte os meios de comunicação, já se tornou possível que a periferia, desde que esteja ligada à telefonia, faça chegar a todo mundo suas notícias, suas palavras, suas imagens. Uma tribo do Xingu dança pedindo chuva e eis que o gelado Canadá vê tal cena no vídeo de sua TV. Um grupo étnico negro perdido no continente do esquecimento lança um apelo de ajuda e eis que ele ecoa por todas as partes. Esta é a nova face da globalização. Tem duas mãos. Vai do centro para a periferia uniformizando e massificando as culturas e vem da periferia e de grupos étnicos esquecidos, firmando-lhes a identidade e questionando os colossos do Ocidente.

Dupla forma de expansão da fé cristã

A fé cristã, ao longo da história, fez duas experiências bem diferentes de difusão. Conheceu nos seus inícios verdadeira inculturação. Embora o nome não existisse, a realidade aconteceu. A fé cristã na nossa forma ocidental nasceu da inculturação do núcleo semita nas culturas greco-romana e, mais tarde, germânica.

Em relação a outras culturas, sobretudo às das Américas, a fé cristã expandiu-se pela via da conquista, da dominação, da imposição. Evidentemente não o fez sem uma dose de sincretismo. Gestou-se uma inculturação impropriamente dita, porque dominada, em que uma cultura ocidental a cavalo da qual veio a fé cristã se impôs e se sobre pôs às culturas autóctones. É a fé que a maioria do nosso povo vive

numa simbiose de catolicismo luso com toques afro-indígenas. A globalização atual está a provocar nova forma de contacto da fé cristã com outras formas culturais e religiosas. É a novidade do problema.

Duas perguntas em dois níveis

Diante de uma realidade social, a fé se faz duas perguntas: que impacto causa essa realidade sobre ela? E, em seguida, como ela responde a tal questionamento, discernindo nessa realidade a face positiva – que acolhe – e a negativa – que intenta transformar.

É o círculo hermenêutico da fé. Embora não se faça sempre de maneira explícita e reflexa, esse procedimento pertence à própria maneira de crer na história. Aí está uma diferença radical da fé cristã em relação a outras religiões para as quais essas duas questões não têm relevância. A fé cristã é estruturalmente hermenêutica. Quer dizer que ela tem um dado tradicional, anterior ao encontro com a realidade cambiante que se reinterpreta num processo interminável. Cada vez surge um dado novo da fé, fruto de uma síntese entre o dado tradicional anterior e a realidade. A fé move-se para sempre novas sínteses diante de fatos novos a serem processados.

E tal processo efetiva-se em dois níveis. Num primeiro nível da compreensão e intelecção, a fé se reformula no seu conteúdo teórico. *Fides quaerens intellectum*. Tarefa que a teologia cumpre ao longo da história de modo próprio e específico. A fé tem também uma face de práxis. Esta necessita ser refeita toda vez que algum dado novo o exige. Nesse segundo nível da prática, a fé se pergunta como atuar diante da situação que se lhe apresenta. Em termos eclesiais, chamamos de *pastoral*.

A reflexão presente toma o dado da globalização e faz as duas perguntas no duplo nível. Que modificações na compreensão da fé e na ação pastoral o fato da globalização produz? Como a fé cristã discerne as valências positivas e negativas da globalização no nível da compreensão e da ação pastoral?

No nível da compreensão da fé

Impacto da globalização

A globalização provoca fortemente o fenômeno do sincretismo, do relativismo, do nivelamento religioso com sérias conseqüências teológicas. A globalização como definimos não é simplesmente o fluxo da cultura dominante e massificante, mas também o circular de todo

exotismo cultural possível. E as diferentes religiões lançam no circuito da *Internet* suas expressões religiosas, freqüentemente como unidades soltas, descoladas do sistema religioso maior. Cada um capta-as como quer.

Uma primeira consequência é pensar a fé como arranjo de crenças segundo as necessidades imediatas e tópicas. O sujeito constitui-se como pólo de organização de sua própria fé, sem nenhuma vinculação eclesial. E quanto mais crescer a globalização, mais se acentuará tal tendência.

Esse processo coenvolve uma relativização da verdade de fé. Perde sua consistência anterior, vinda da Revelação. Todas as verdades religiosas são igualmente verdadeiras e toca a cada um escolher a que mais lhe responde as indagações. O lado objetivo da fé – *fides quae* – dilui-se na dimensão subjetiva – *fides qua*.

A globalização engendra o hábito seletivo em todos os campos. Com a pluralidade esfuizante de canais televisivos o espectador sente-se dono dos programas. Surfa de canal em canal. Transfere facilmente tal atitude para o campo da fé. Usa-se, embora impropriamente, a expressão *supermercado da fé*, onde o freguês escolhe a mercadoria desejada entre inúmeras ofertas. As religiões providenciam a oferta em suas estantes religiosas para que os fiéis escolham seus produtos.

Parecido com tal repercussão processa-se um nivelamento religioso. Todas as expressões religiosas são colocadas no mesmo prato da balança indiferenciadamente. O lado para o qual se inclina o fiel não é dado pelo objetivo, pela força da verdade e de sua fonte, mas pelo pôr da mão do fiel que tem suas preferências pelo produto religioso oferecido.

Uma questão mais profunda agita hoje a teologia. O conhecimento do fato da presença simultânea de muitas tradições religiosas é propiciado pela globalização. Mas a realidade antecede e sobrepõe-se a este fenômeno. A humanidade teve ao longo de sua história grandes tradições religiosas. K. Jaspers denominou tempo axial aquele em que surgiram o *logos* grego, a palavra revelada da Escritura e outras grandes tradições religiosas em lugares diferentes e sem mútuas interferências num mesmo arco de tempo. Portanto, problema que remonta ao milênio anterior a Cristo.

Hoje a pluralidade das grandes tradições religiosas chega a nossos olhos pela globalização. Levanta-se a aguda pergunta teológica: Como entender esse pluralismo religioso no único projeto salvífico de Deus? Algo puramente fatural ou de direito? E então como pensar teologicamente o diálogo inter-religioso?

Resposta da fé

Diante dessas perguntas, a fé cristã reage. É desafiada a superar uma rigidez ortodoxa, que se fixava crispadamente na tradição, e a não sucumbir sob a avalanche das mais exóticas crenças. Entre a tradição e o momento, entre a estrutura e o movimento, entre a objetividade anterior e a subjetividade presente jogam o futuro e a verdadeira natureza da fé cristã. A sua resposta será sempre novas sínteses que garantam os dois pólos. Não pode trair a tradição, nem também engessá-la.

A posição católica comum, que julga o sincretismo numa luz extremamente negativa, necessita ser revista. O sincretismo não é sem mais uma adição de elementos sem integração, de maneira paralela. Nem mera acomodação a uma cultura dominante. Nem uma homogeneização religiosa, aplanando as diferenças ou simplesmente misturando os ingredientes religiosos. Nem uma tradução diferente de seus elementos em outra forma cultural. Implica uma refundição, verdadeira inculturação da fé numa cultura nova de modo que tanto a formulação da fé como a cultura saem diferentes do encontro.

M. de França Miranda vê que o sincretismo pode ser parte ou etapa do processo de inculturação da fé. "As culturas (com seus respectivos núcleos religiosos) são grandezas porosas em contínuas transformações, assim a inculturação da fé significaria *um processo permanente* na vida da Igreja, dele participando também o sincretismo enquanto sua vertente religiosa" (*Inculturação da fé: Uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 110).

A teologia responde à globalização repensando a fé cristã no paradigma do diálogo inter-religioso. A salvação pessoal fora da instituição visível da Igreja nunca foi real problema para a teologia católica de tal modo que foi condenado o teólogo americano Feeney que quis defender tal radicalidade no século passado. A questão põe-se sobre a realidade salvífica das religiões como tais, consideradas elas mesmas como mediações de salvação. Tema que vem sendo discutido amplamente na teologia.

Em termos bem simples e sintéticos, distinguem-se hoje normalmente três posições. Os exclusivistas que resolvem o problema, negando-lhe o pressuposto. Só a Igreja cristã é mediação de salvação. Todas as outras não. Os pluralistas partem para o oposto. Todas são igualmente salvíficas, negando ao cristianismo e à pessoa de Cristo qualquer precedência ou primado. Os inclusivistas, com muitos matizes diversos, estabelecem a incontornável mediação salvífica de Cristo da qual todas as outras religiões a seu modo participam. Em virtude da salvação universal e única de Cristo presente nas outras religiões, elas se tor-

nam mediadoras da salvação. Não cabe aqui avançar os pontos positivos e as dificuldades de cada posição com suas conotações próprias.

No nível da prática da fé

Impacto da globalização

No nível da prática da fé, a globalização tem propiciado o fenômeno da migração contínua de uma religião para outra. Antes havia dificuldade de mudança de religião. Toda igreja sancionava gravemente o fato de abandoná-la. A palavra usada era “apostasia” da fé. Pecha pesadíssima que soava quase como condenação ao inferno.

Hoje a proximidade física de outras Igrejas e sua chegada pela via da informação internetizada possibilitam que se migre mais facilmente de uma religião para a outra. Além disso a globalização cria a cultura de que tal processo pertence ao cotidiano em todos os campos. Diminuíram até quase acabar as pressões sociais que impediam tais passagens. Torna-se algo normal e natural pela força da cultura homogeneizante, nivelante da globalização.

A globalização causa também um efeito quase oposto. Gera um individualismo eletrônico, relações interpessoais virtuais, desagregando toda vida comunitária real. A fé cristã por natureza pede uma comunidade verdadeira de fé. Não basta uma simples participação eletrônica. Os sacramentos não se realizam dessa maneira. A substituição do real pelo virtual tanto em nível pessoal quanto comunitário desafia fortemente a fé cristã, fundada no realismo do sacramento.

Tal individualismo é ainda mais açulado pelas possibilidades de experiências religiosas que a globalização permite que as pessoas as façam na solidão de seu eu e a sós. Essas vivências começam e terminam no eu. Algo que contraria radicalmente a prática cristã que é comunitária e de serviço ao irmão.

Positivamente a globalização permite que em nível de informação religiosa o cristão tenha maior facilidade. Qualquer dúvida encontra nalgum *site* perdido uma resposta. Talvez a dificuldade venha de que surja uma pluralidade diversa de resposta tal que o fiel permaneça perplexo e a dúvida continue.

A fé cristã zela muito por sua identidade. A globalização põe-na continuamente em crise apresentando tal pluralidade que estonteia. Há uma diferença necessária para construir-se a identidade. Há, porém, uma pluralidade de formas diferentes que acabam destruindo a identidade, ao ser provocada a fazer um périplo de experiências. Tanto

mais séria é a tentação quanto mais se vive numa pós-modernidade sob o imperativo do experimentalismo e presentismo.

A globalização permite a criação de uma consciência planetária que serve para uma vivência eclesial da fé mais ampla. Mas também produz um sentimento de estranheza e solidão, ao ver-se alguém com expressões de fé tão diferentes e isoladas. Diminui a plausibilidade da própria fé, como muito bem estudou o sociólogo americano Peter Berger ao analisar as minorias cognitivas.

O que em termos de intelecção da fé se chamou sincretismo, isto acontece, em nível da prática, sob a forma da criação por parte dos indivíduos da própria religião. A fé cristã vê-se cercada por um arquipélago de outras igrejas e religiões, diminuindo a credibilidade e enfrentando outros pólos de atração.

Resposta da pastoral

Há uma resposta positiva da pastoral. Assume a globalização nas suas possibilidades e virtualidades e explora-as ao máximo para difusão, instrução e aprimoramento cognitivo da fé cristã. Há iniciativas originais como uma diocese virtual – Partênia – dirigida pelo bispo católico J. Gaillot desde janeiro de 1995 [www.partenia.org/ilya.htm]. Tendo-se-lhe tirado a diocese real, ele criou um *site* na *Internet* que fiéis do mundo todo freqüentam e pelo qual criam laços eclesiais. Não falta também uma tentativa de internetizar a vida religiosa. Aí está a Congregação *Notre Dame de l'Internet*.

Abrem-se perspectivas de curso de teologia, de catequese e inúmeros outros pelas vias da telemática. Centros teológicos mais possantes aumentam assim sua presença no mundo. Livros, artigos de teologia circulam por diversos *sites*. A Revista Latino-americana de Teologia não só disponibiliza seus artigos, mas muitos outros. É no campo da informação e comunicação de conhecimentos que a globalização mais positivamente colabora com a pastoral

Permite também criar solidariedades internacionais para mobilizações mundiais. As possibilidades da globalização da telemática não estão nem de longe aproveitadas. Descerram-se diante de nós páginas ainda inéditas de iniciativas pastorais por via da globalização. Num mundo de tal carência espiritual e ética, está aí um meio de fazer crescer a consciência religiosa e ética da humanidade.

A informática e a telemática têm possibilitado a criação de bancos de dados cujo acesso facilita o conhecimento por todos das obras, atividades, instituições religiosas do mundo inteiro.

Embora o realismo cristão não se contente com relações puramente virtuais, entretanto elas servem de início de relacionamentos reais, de projetos futuros concretos.

Conclusão

Essas notas ao pé de página ensejam ao leitor vislumbrar o imenso continente de problemas e de possibilidades que o fenômeno atual da globalização cultural oferece ao mundo da fé. Até agora a telemática tem servido principalmente aos fluxos econômicos, fazendo-os girar aos borbotões através de todo o mundo. O capital financeiro beneficia-se ao máximo. Nada proíbe que a pastoral de uma Igreja universal de nome (católica) e de realidade, se torne presente em todos os rincões do mundo, lance mão eficiente e apostolicamente desse meio. Esperemos que quem viver, verá!

Texto apresentado na Reunião da Comissão do Apostolado Intelectual da Província dos jesuítas do Brasil Centro-Leste em dezembro de 2001.

Bibliografia

- M. ARRUDA, "Neoliberalismo. Globalização e ajuste neoliberal: riscos e oportunidades", *Tempo e Presença* 17 / n.º. 284 (1995) 5-9.
- P. BERGER, *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, São Paulo: Paulinas, 1985.
- P. BERGER, *Um rumor de anjos*, Petrópolis: Vozes, 1973.
- O. IANNI, *A sociedade global*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- O. IANNI, *A era do globalismo*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- A. S. MOREIRA (org.), *Sociedade global: cultura e religião*, Petrópolis: Vozes, 1998.
- M. A. de OLIVEIRA, *Desafios éticos da globalização*, São Paulo: Paulinas, 2001.
- M. A. de OLIVEIRA, "A globalização e a problemática do Terceiro Mundo", *Revista de Educação AEC* 25 / n.º. 100 (1996) 46-68.
- A. P. ORO e C. A. STEIL, *Globalização e religião*, Petrópolis: Vozes, 1997.
- R. ROBERTSON, *Globalização. Teoria social e cultural global*, Petrópolis: Vozes, 2000.
- R. SCHREITER, *A nova catolicidade: a teologia entre o global e o local*, Loyola: São Paulo, 1998.

João Batista Libanio SJ, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana – Roma (1968); é professor de Teologia na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus em Belo Horizonte; fundador e membro da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião); membro do Conselho Arquidiocesano de Pastoral de Belo Horizonte, e autor de muitas obras, entre as quais, de publicação recente: *Deus e os homens: os seus caminhos*, Petrópolis: Vozes, 3ª ed. 1966; *Cenários da Igreja*, Coleção CES – 2, São Paulo: Loyola, 2ª ed. 1999; *Teologia da Revelação a partir da modernidade*, Coleção Fé e Realidade – 31, São Paulo: Loyola, 4ª ed. 2000; *Eu Creio – Nós Cremos: Tratado da Fé*, Coleção Theologica – 1, São Paulo: Loyola, 2000; *As lógicas da cidade, o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, Coleção Theologica – 2, São Paulo: Loyola, 2001; *A arte de formar-se*, Coleção CES – 10, São Paulo: Loyola, 2001; *Introdução à vida intelectual*, Coleção Humanística – 1, São Paulo: Loyola, 2001.

Endereço: Caixa Postal 5047
31611-970 Belo Horizonte — MG
e-mail: isiprof.bhz@zaz.com.br